



Apresentação

O segundo número da *Revista Nau* traz um pequeno dossiê com artigos que discutem o gênero conto e algumas de suas manifestações na literatura de língua portuguesa. Nas últimas décadas, vem crescendo o número de contistas no Brasil, sendo notáveis, sobretudo nas duas últimas décadas, as inovações na elaboração do conto, destacando-se o fortalecimento do conto minimal, a influência da forma de comunicação instaurada pela internet e inusitadas formas de narrar experiências.

Marcelo Spalding, no ensaio intitulado “Fernando Bonassi e o surgimento do microconto na literatura brasileira contemporânea”, parte de questões relativas à história e à teoria do conto para apontar as transformações que vem sofrendo na contemporaneidade. Resgata, em seguida, o surgimento do conto minimalista na literatura norte-americana e na brasileira, identificando Dalton Trevisan como o precursor da micronarrativa no Brasil.

Joseane de Mello Rücker, em “Adelino Magalhães: herdeiro de *Festa*”, analisa a contística de um escritor que a crítica vem deixando de lado. Embora Adelino Magalhães tivesse publicado o seu primeiro livro em 1916, a autora vincula-o ao ideário estético dos autores ligados à Revista Festa, da década de 20, que se sentem unidos em torno de uma concepção espiritualista e universalista da arte, e mostra que é nesse grupo que Adelino encontra afinidades e respostas para as suas primeiras inquietações artísticas.

Agnes Sanfelici, no artigo “*Armadura de Ferro*: fragmentos de solidão”, analisa dois contos do livro de estréia de Altair Martins à luz de reflexões sobre o realismo maravilhoso e a vertente existencial-intimista do conto, com presença de acontecimentos insólitos. Demonstra a ensaísta que Altair articula procedimentos na construção do conto que são reiterativos na literatura da América Latina do século XX.

Elisabete Peiruque, em “Lalinha e Celeste: era uma vez o colonialismo”, volta-se para a análise de conto “Por cima de toda a folha”, de José Cardoso Pires, narrativa cujos acontecimentos se passam após a libertação de Angola. Os conflitos e contradições da realidade pós-colonial, com injustiças, misérias e racismo, projetam-se no conto de Pires, mostrando a força do discurso literário no desvelamento dos acontecimentos históricos.

No ensaio “Formas de contar: ‘Os gafanhotos’ e *A costa dos murmúrios*”, Raquel Trentin analisa como a escritora Lídia Jorge utiliza um conto na construção do romance, examinando aspectos teóricos e temáticos das duas narrativas. Os acontecimentos do conto e do romance estão relacionados a Moçambique e à ação dos portugueses na Guerra Colonial.

Na seção livre, a Revista reúne predominantemente ensaios sobre literatura portuguesa e brasileira, alguns mostrando as trocas culturais entre Portugal e Brasil, além de reflexões sobre relatos de viagens e literatura estrangeira. O ensaio de André L. M-Pereira, “Ora (direis) ouvir maravilhas...”, parte das reflexões de João David Pinto Correia sobre os relatos de viagem e expansão, voltadas à questão do olhar do viajante e seu poder de observar as terras a que chega. Tendo como foco *As viagens*, de Marco Polo, o ensaio discute as formas culturais populares e as narrações da oralidade no “livro das maravilhas” do mercador veneziano no período em que foi escrito e começou a circular.

Na mesma seção, insere-se o ensaio de Yurgel Pantoja Caldas, “Muhuraida entre história e ficção”, que analisa um poema épico português, de autoria de Henrique João Wilkens, cujo título é “Muhuraida ou o triunfo da fé” (o manuscrito é de 1785 e a primeira edição de 1819). O poema, considerado o primeiro texto sobre a Amazônia, trata da rendição e da conversão à fé católica da nação indígena Mura.

Cláudia Mentz Martins, em “As metamorfoses em Macunaíma: (re)formulação da identidade nacional”, identifica e examina, na obra de Mário de Andrade, a figura da metamorfose como elemento fulcral na representação da busca de identidade nacional, em processo de elaboração, foco das preocupações da geração modernista de 1922.

Marcelo Peloggio, no ensaio “O desvio de um viajante: a recepção da obra de José de Alencar em Portugal”, divulga a recepção da obra alencariana nos séculos XIX e XX, observando que só recentemente a obra do escritor brasileiro vem ensejando ensaios aprofundados de críticos portugueses.

No ensaio “Identidade, Identidades – percursos de uma pesquisa”, Susanna Ramos Ventura também discute questões relativas à identidade nacional, a partir de três romances contemporâneos, escritos pelo português José Saramago, *Manual de pintura e caligrafia* (1977), pela brasileira Ana Maria Machado, *Tropical sol da liberdade* (1988), e pelo moçambicano Mia Couto, *Terra sonâmbula* (1992). Na interpretação dos romances, a autora mostra que a busca identitária das personagens centrais termina com o reconhecimento de uma identidade possível, mas não fechada.

O último artigo da Seção Livre, intitulado “O duplo como representação do mal na novela *O retrato* de Gogol”, retoma um tema recorrente na literatura do século XIX, sobretudo a partir do Romantismo, sobre o sujeito cindido, duplo, dividido entre tendências opostas que lutam dentro de si, entre elas o bem *versus* o mal. O tema ganhou novos contornos no século XX, mas continua a ser atual, surgindo na obra de grandes contistas brasileiros do século XX, entre os quais Lygia Fagundes Telles e Murilo Rubião.

Cabe salientar, finalmente, que os ensaístas deste número colaboram para fazer da *Nau Literária* um espaço privilegiado para divulgações de ensaios literários sobre autores dos países de língua portuguesa, que é o objetivo maior da Revista.

Ana Maria Lisboa de Mello

Cláudia Mentz Martins

(Organizadoras)